

**ANÁLISE DO GÊNERO DISCURSIVO TIRAS EM QUADRINHOS A PARTIR DO MÉTODO SOCIOLÓGICO***DISCURSIVE GENDER ANALYSIS IN COMIC STRIPS FROM SOCIOLOGIC METHOD*Dayse Grassi Bernardon¹
Terezinha da Conceição Costa-Hübes²
Poliana Sella³

RESUMO: O trabalho com tiras em quadrinhos em sala de aula para o ensino de língua requer a compreensão da linguagem como sócio-histórica, constituída nos entrelaçamentos interativos e discursivos veiculados socialmente. Para isso, objetivamos, neste artigo, apresentar o gênero discursivo tira em quadrinhos, a fim de analisá-lo a partir do Método Sociológico proposto por Bakhtin, que aponta o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo como elementos para o estudo da língua. Para fundamentarmos teoricamente nosso trabalho, além de Bakhtin (1998, 2000) e Bakhtin/Volochinov (2004), abordaremos autores como Brait (2013); Silveira, Rohling e Rodrigues (2012), dentre outros. Para a análise, trazemos uma tira da Mafalda, do autor Quino e, amparados no Método Sociológico, discutimos como o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo dialogam entre si na construção do sentido do texto. Com isso, pretendemos contribuir com o ensino de língua, por meio da aplicação do Método Sociológico que possibilita estudos dos mais variados gêneros que circulam socialmente, compreendendo que quanto mais nos apropriarmos e entendermos os gêneros em sua função social, melhor organizamos nosso discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos, História em quadrinhos, Método Sociológico.

ABSTRACT: The project with comic strips in the classroom for language teaching needs socio-historical language understanding, constituted in interactive and discursive interweave socially transmitted. The aim of this paper is to show the discursive gender in comic strips, in order to analyze, from the Sociologic Method proposed by Bakhtin, which shows the thematic content, the compositional construction and the style as elements to language studying. To found theoretical our research, besides Bakhtin (1998, 2000) and Bakhtin / Volochinov (2004), we are going to approach authors such as Braid (2013); Silveira, Rohling and Rodrigues (2012) among others. To analyze, we are going to bring Mafalda's Comic Strip from the author Quino and, supported by the Sociologic Method we talked about how the thematic and compositional contents and style interact between themselves building the direction of the text. With this project, we intend to contribute with the language teaching, using the Sociologic Method that makes possible researches of the most varied genders that socially circulate, realizing that the more we improve and understand the social function of genders, the more we organize our speech.

KEY- WORDS: Discursive genders, comic strips, Sociologic Method.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Unioeste e Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Medianeira.

² Pós-Doutora em Letras e Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Unioeste.

³ Mestranda do Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Unioeste

INTRODUÇÃO

O Método Sociológico foi proposto por Bakhtin/Volochinov (2004 [1929]), quando apresentaram, no capítulo “Interação Verbal”, do livro *Marxismo e filosofia da Linguagem*, uma ordem metodológica para estudo da língua, conforme verificamos abaixo:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias do ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 [1929], p. 124)

Essa proposta foi de certa forma retomada, posteriormente, por Bakhtin (2003[1979]), no capítulo “Gêneros do discurso”, dentro da obra *Estética da Criação Verbal*, quando apontou para o *conteúdo temático, estilo e construção composicional* como elementos constituintes dos gêneros e, portanto, organizadores da língua.

Compreendendo que esses elementos possam ser aplicados ao ensino, pretendemos, neste artigo, analisar um texto do gênero tiras em quadrinhos, a partir do Método Sociológico para o estudo de língua, proposto por Bakhtin/Volochinov (2004 [1929]), discutido também no ensaio de 1930 – “A construção da Enunciação e outros Ensaio” – assinado por Volochinov e retomado, posteriormente por Bakhtin (2003 [1979]), a fim de configurar uma proposta de ensino pautada na ordem metodológica e, conseqüentemente, nos elementos constituintes do gênero.

Para procedermos à análise, inicialmente abordamos o conceito teórico de Discurso e, em seguida, trazemos para discussão a concepção de gêneros discursivos e esferas da atividade humana. Após essas discussões e em diálogo com tais concepções, abordamos o método sociológico de Bakhtin, evidenciando que os enunciados refletem as finalidades de cada esfera social, por meio do conteúdo temático, estilo e construção composicional. Diante disso, a fim de analisarmos a tira em quadrinhos da personagem Mafalda, *corpus* de nosso estudo, recorreremos ao Método Sociológico, analisando e discutindo a partir da tira da Mafalda

em foco, como tais elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – são evidenciados e dialogam entre si na construção de sentidos do texto, com o intuito de compreendermos o trabalho amparado nessa proposta para o estudo da língua nos mais variados gêneros discursivos.

O DISCURSO E SUAS IMPLICAÇÕES DIALÓGICAS

Conforme Bakhtin (2010[1981]), o discurso não pode ser desvinculado das relações sociais, pois é de natureza social e se configura nas interações com o outro, dentro de um processo interlocutivo. O autor considera o discurso como a língua em toda sua “integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010[1981], p. 207), produzido no seio das interações sociais. Sob essa orientação, língua e discurso se entrelaçam no emaranhado de vozes¹ que ecoam na constituição de um enunciado, o que nos permite falar das relações dialógicas que sustentam todo projeto discursivo, pois, ao recorrer à linguagem para organização de um enunciado, recorreremos também a outros enunciados.

As relações dialógicas acontecem entre “eu” e o “outro”; entre vários “eu” e muitos “outros” que nos discursos se entrecruzam, se entrelaçam, se contestam, se complementam, etc. Portanto, o dialogismo se constitui de “várias vozes”, ou seja, é de caráter polifônico, em que “essas vozes” se entrecruzam e respondem umas às outras. Assim, a palavra sempre perpassa pela palavra do outro e o locutor, ao construir o seu discurso, leva em consideração o discurso de outrem. Dessa maneira, “a compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 331).

Para Brait (2005), o dialogismo “diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 2005, p.95). Assim, não há como falar em discurso sem considerar o dialogismo que lhe é inerente. Da mesma forma, não há como falar em linguagem sem compreendê-la no âmbito das interações que se estabelecem por meio do discurso.

O discurso configura-se tanto por elementos verbais que entram na interação (como marcas linguísticas, por exemplo), como por elementos não verbais que, mesmo não estando visíveis em um enunciado, é condição essencial para que ele exista. Logo, compreendemos

¹ “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 330).

que o discurso configura-se tanto por marcas linguísticas como por elementos não linguísticos, os quais podem ser interpretados como as condições sociais, históricas e ideológicas que organizam o discurso. E é exatamente nos entornos do enunciado que as relações dialógicas se estabelecem. Para Bakhtin, as “relações dialógicas são extralinguísticas” (BAKHTIN, 2010 [1981], p. 209), ou seja, ultrapassam os limites da linguística do texto, avançando para o contexto do enunciado. Ainda, “toda a vida da linguagem” está “impregnada de relações dialógicas”, pois, as relações dialógicas constituem o “campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 2010 [1981], p. 209).

O discurso “[...] nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto” (BAKHTIN, 1998 [1975], p.88) o que, neste caso, pode ser o texto, compreendido como enunciado. No interior do texto/enunciado está a voz do outro, assim como a voz do autor que organiza o seu discurso a partir dos já-ditos, o que permite entender que todo discurso nasce como resposta a outros discursos, uma vez que a “resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente da compreensão ativa, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 89). O discurso “se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1998 [1975], p.88), ou seja, os discursos se cruzam, se complementam, se fundem, se constroem numa interação com o discurso do outro, formando assim, o discurso do autor.

Bakhtin (1998[1975]) detalha a dialogicidade de “todo dizer” em três dimensões diferentes:

- a) “*todo dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’*” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 276), quer dizer, nenhum enunciado é neutro, já que se constituem de enunciados alheios, sendo que nenhum enunciado se constitui do nada, sendo assim, o enunciado é construído a partir de enunciados discursivos anteriores.
- b) “*todo dizer é orientado para uma resposta*” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 276), ou seja, todo enunciado espera uma resposta a um enunciado posto.
- c) “*todo dizer é internamente dialogizado*” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 276), pois se constitui de múltiplas vozes sociais, é heterogêneo.

Assim, o discurso dialogiza-se com o “já-dito”, o “já-posto”, constituindo-se como uma réplica, uma resposta, um posicionamento ativo. E uma vez assim constituindo,



provocará, por sua vez, outras réplicas, outros diálogos a partir da interação com seu interlocutor que poderá criticar, discordar, interpelar, refutar, concordar, não havendo limites para o dialogismo. Dessa maneira, o universo linguístico social está sempre respondendo a um enunciado posto porque cada enunciado não é acabado, mas sim, passado ao outro que imprime nele a sua voz.

GÊNEROS DISCURSIVOS E AS ESFERAS DE ATIVIDADE HUMANA

Para Bakhtin (2003[1979]), não há como falar em língua sem relacioná-la com as diversas esferas da atividade humana. Estas, por sua vez, produzem os enunciados que têm uma relação imediata com a realidade e com os sujeitos, se concretizando nos gêneros discursivos. Assim, os gêneros estão diretamente ligados às inúmeras esferas sociais.

Cada esfera tem determinada finalidade ideológico-discursiva, ou seja, cada esfera de atividade humana vê a realidade sob um determinado prisma, o que implica em uma maneira de significá-la e refratá-la (SILVEIRA, ROHLING e RODRIGUES, 2012). Podemos dizer, assim, que cada esfera da atividade humana tem determinada finalidade, por exemplo, a esfera escolar tem por finalidade o ensino, o aprendizado dos conhecimentos sistematizados culturalmente e as práticas interativas consideradas importantes para ensinar. Assim, a escola não ensina tudo – a escolha do que ensinar demonstra que há um posicionamento ideológico posto.

Para Bakhtin, as esferas de atividade humana podem estar ligadas à vida cotidiana ou às esferas formalizadas e sistematizadas. Corresponde às esferas sociais da vida cotidiana, a esfera familiar, ou seja, esferas ligadas às ideologias do cotidiano. Fazem parte das esferas formalizadas e sistematizadas a esfera escolar, científica, jornalística, religiosa, dentre outras, isto é, esferas ligadas aos sistemas ideológicos formalizados e sistematizados. Assim, “as esferas de usos da linguagem não estão circunscritas aos limites de um único meio” (MACHADO, 2013, p. 163).

Nesse âmbito, conforme Bakhtin (2003[1979]) coexistem os gêneros discursivos, produzidos pelos sujeitos nas diversas esferas de atividade humana, influenciando nas dimensões temática, estilística e composicional dos enunciados. Portanto, a diversidade dos gêneros está estreitamente associada à diversidade das esferas da atividade humana.

Para Bakhtin (2003[1979]), os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262) que organizam a forma de dizer dos sujeitos,



uma vez que os gêneros se movimentam para certa regularidade que permite que sejam reconhecidos como tais. Dessa maneira, a diversidade dos gêneros discursivos deve-se ao fato de que eles variam “conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 302).

Logo, os gêneros discursivos surgem e desaparecem conforme a evolução de cada esfera da atividade humana e de acordo com as necessidades de interação social dos sujeitos. Assim, “não se trata de uma relação de substituição, e sim, do aparecimento de gêneros a partir das novas necessidades de interlocução, o que ocorre por meio das mudanças sócio-históricas, repercutindo nas relações de subjetividade e alteridade dos sujeitos” (SILVEIRA, 2012, p. 49).

Os gêneros configuram-se, ainda conforme Bakhtin (2003[1979]), a partir destes três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional, sobre os quais daremos mais ênfase na próxima seção.

O MÉTODO SOCIOLÓGICO DE BAKHTIN: ANÁLISE DA TIRA EM QUADRINHOS DE MAFALDA

O Método Sociológico de Bakhtin/Volochinov (2004 [1929]) compreende estudar a língua dentro das diferentes “formas e os tipos de interação verbal”, o que podemos interpretar como dentro dos gêneros discursivos e “em ligação com as condições concretas em que se realizam” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 [1929], p. 124), atrelados, então, às esferas sociais que os produzem e ao contexto sócio, histórico e ideológico que os envolvem. Importa considerar, ainda, as “formas das distintas enunciações”, isto é, a construção composicional dos gêneros, para, a partir daí, voltar-se para “o exame das formas da língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 [1929], p. 124), ou seja, ao estilo do gênero e do autor dos enunciados.

Essa proposição sustenta na compreensão, conforme Bakhtin (2003 [1979]), de que os enunciados refletem as finalidades de cada esfera da atividade humana por meio do conteúdo temático, do estilo da linguagem e pela sua construção composicional.

Na perspectiva de contemplar esses elementos na análise de um texto-enunciado, seguiremos a ordem metodológica para estudo da língua, conforme Bakhtin/Volochinov (2004[1929]) e Bakhtin (2003[1979]), e, ao mesmo tempo em que trazemos os conceitos

teóricos de construção composicional, conteúdo temático e estilo, traçaremos um paralelo analisando-os em uma tira da Mafalda, para assim podermos evidenciar, na prática, como esse estudo da língua pode ser realizado com os mais variados gêneros discursivos em sala de aula. Dessa forma, a análise obedecerá aos seguintes passos: 1) focalizaremos o contexto de produção do gênero e a sua construção composicional e, após, a composição do gênero tira, materializada no texto em foco, faremos a análise sob esse aspecto; 2) recuperaremos brevemente o contexto de produção da tira, relacionando-o com o conteúdo temático do texto; 3) abordaremos o estilo do texto em foco, relacionando-o com as características do estilo do gênero em seu contexto de produção e do autor. Para isso, apresentamos o nosso texto-enunciado, objeto de estudo na íntegra:

Figura 1 –Tira da Mafalda



Fonte: QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 228.

Geralmente as tiras circulam na esfera midiática, ou seja, em jornais, revistas, internet, etc. e, portanto, são produzidas por profissionais dessa esfera. As tirinhas da Mafalda começaram a circular no Brasil, inicialmente, em revista, passando a livros, inclusive didáticos e jornais. Atualmente circulam no meio jornalístico, que, por sua vez, busca retratar a realidade social. No entanto, muitas vezes, “o jornalista, ao representar determinados grupos ideológicos, faz um recorte da realidade, o que determina certas escolhas de abordagens na construção dos textos jornalísticos” (BROCARD, 2015, p. 96). Nesse sentido, as tiras da Mafalda são uma maneira de retratar situações polêmicas ligadas ao dia a dia das pessoas, propiciando ao leitor, por meio de situações corriqueiras, a reflexão em torno de tais realidades e o desenvolvimento do senso crítico.

Voltando nosso olhar para a construção composicional dos gêneros, verificamos que, conforme Bakhtin (2003 [1979]), cada gênero discursivo possui uma estrutura formal e

características peculiares, ou seja, movimenta-se para uma regularidade com certa estabilidade e ao mesmo tempo flexibilidade, o que, de certa forma, está diretamente ligado à diversidade das esferas sociais. Assim, o autor sugere que existem tipos e formas composicionais para cada gênero discursivo, e o sujeito, no processo discursivo, ao escolher um gênero, organiza a sua fala em função deste. Portanto, para o autor, a construção composicional do gênero refere-se a “[...] determinados tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (BAKHTIN, 2003[1979], p.266).

Diante disso, quanto melhor conhecemos as estruturas composicionais dos gêneros e suas finalidades, melhor organizamos nossos enunciados-textos, já que

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles [...] que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos. Portanto, o locutor recebe, além das formas prescritivas da língua comum (os componentes e as estruturas gramaticais), as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, que são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores (BAKHTIN, 2003[1979], p. 304).

Analisando o gênero tira quanto à sua construção composicional, notamos que este gênero abarca, normalmente, a linguagem visual e verbal que estão em constante interação e, por isso, trata-se de um gênero multimodal. Essa característica pode ser notada no texto-enunciado, objeto de estudo, pois, nessa tira, a linguagem não verbal está presente em todos os quadrinhos e apenas no último é apresentada a linguagem verbal. Isso faz parte também do estilo do gênero em foco. As ações descritas nos quadrinhos das tiras estão em constante interação, já que a sequência de quadrinhos apresenta Mafalda chegando em casa, olhando uma “pilha” de roupas passadas, vendo a cozinha com louças lavadas e a mãe no tanque lavando roupa e, ao final, interage com a fala de Mafalda que afirma: “*Mamãe, o que você gostaria de ser se você vivesse?*” Diante dessa fala, notamos a expressão não verbal da mãe que é fortemente marcada, o que faz o leitor refletir sobre o tema em foco - o trabalho doméstico e o quanto ele pode “escravizar” as donas de casa, a ponto de “viverem” somente para isso. Há nas tiras, conforme podemos perceber, um entrecruzamento de diferentes linguagens que se complementam para a construção do sentido no texto.

Uma das características das tiras e também das histórias em quadrinhos é que estas são construídas por uma sequência de ações (desenhadas), divididas em retângulos sequenciais, onde são narradas situações que apresentam personagens, tempo, espaço, e o diálogo entre os personagens se dá, normalmente, de forma direta, representado em forma de balões que narram a fala e os pensamentos dos personagens. Essa característica do gênero discursivo em questão se apresenta na tira em foco, pois temos as personagens Mafalda e a sua mãe, o tempo e o espaço em que ocorre a história. No entanto, no texto analisado não há um diálogo direto entre Mafalda e sua mãe, mas uma sequência de ações de Mafalda que permite compreender seus pensamentos somente no último quadrinho, quando se expressa verbalmente.

Conforme Rama *et al.* (2004), outro aspecto das tiras em quadrinhos é o uso de onomatopeias, metáforas visuais, linguagem verbal e não verbal, figuras cinéticas, balões de fala, legenda, que determinam a organização composicional do gênero. Quanto aos balões de fala, estes representam a interação entre imagem e palavra. Os sinais de pontuação têm a função de dar maior expressividade à fala dos personagens, reforçando, assim, sentimentos e emoções. Notamos, na tira em foco, que as onomatopeias não são utilizadas e que a fala de Mafalda se dá em balão com linhas contínuas, indicando a fala normal da personagem.

A tira de Mafalda em questão foi retirada do livro *Toda Mafalda*, de Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino, publicado em 2003. Além de visar ao entretenimento, as tiras em quadrinhos veiculam informações sobre assuntos polêmicos, na maioria das vezes de valor moral, ligados ao dia a dia das pessoas, a fim de conduzir seus leitores a refletir sobre determinadas situações, desenvolvendo, assim, o senso crítico. Notamos que a tira em foco traz em sua temática o dia a dia da dona de casa, fazendo o leitor refletir sobre essa situação. Essa constatação, de certa forma, já está relacionada com o conteúdo temático do texto, que, conforme Bakhtin (2004[1929]) refere-se ao tema, no gênero discursivo, ou seja, àquilo que se “quer dizer” a determinado interlocutor, considerando o seu papel social, o momento histórico e a esfera social em que o discurso é produzido. Segundo o autor, o tema é indissociável desses elementos contextualizadores: “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence” (BAKHTIN, 2004[1929], p. 129). Dessa maneira, o conteúdo temático está diretamente ligado ao contexto de produção, não podendo ser desvinculado deste, relacionando, dessa forma, aspectos como: por que e quando foi produzido o texto, quem são os interlocutores, a quem se destina (interlocutores), qual recurso/veículo é utilizado para a sua divulgação, etc.; ou seja, envolve a produção, a circulação e a recepção do gênero, relacionando-o com a vida social.



Mafalda é uma personagem de histórias em quadrinhos escrita pelo cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino. Ela é uma garota inquieta, inconformada diante das questões do contexto mundial e que se tornou célebre entre os leitores de suas histórias. A garota rebelde apareceu em 29 de setembro de 1964, quando que as histórias em quadrinhos foram publicadas na revista argentina, a Primeira Plana.

As histórias de Mafalda retratam as diferentes fases da ditadura argentina, em que a personagem questiona a situação do país; no entanto, os temas sociais abordados pela personagem continuam atuais e polêmicos. As 1928 tiras já foram publicadas em mais de 20 idiomas e praticamente todas essas histórias, que continuam sendo publicadas em todo o mundo, foram reunidas na coletânea *Toda Mafalda*.

As tiras de Quino retratam temas polêmicos e complexos, sendo que a ironia está muito presente em suas histórias. Mafalda é uma criança de seis anos de idade, contestadora e preocupada com as questões políticas e sociais; representa o anticonformismo da humanidade; odeia a injustiça, a guerra, o racismo, as armas nucleares, as absurdas convenções do mundo adulto e sopa. “Odiar sopa” foi uma forma que Quino encontrou para demonstrar o seu descontentamento com a ditadura militar, sendo que a sopa, conforme o autor, era “uma metáfora do autoritarismo militar”, já que na época não se podia fazer críticas e abordagens diretas ao governo. Em entrevista publicada pelo jornal argentino *Clarín*, em 28 de julho de 2004, Quino afirma que “Logo me advertiram que havia temas, como sexo, militares e repressão, em que não se podia tocar”. As paixões de Mafalda são os Beatles, os direitos humanos, a paz e a democracia. Em suas histórias, a personalidade da personagem se evidencia, sugerindo críticas e levando a julgamentos.

Assim, conforme Quino, a “trajetória de *Mafalda* abrange o período compreendido entre os anos de 1964 e 1973, em três publicações: ‘Primera Plana’, ‘El mundo’ e ‘Siete Días Ilustrados’” (QUINO, 2001, p. 7).

As tiras de Mafalda apareceram pela primeira vez no Brasil na década de 1970, difundindo-se mais por livros do que pela imprensa de notícias. Provavelmente a primeira publicação se deu na revista *Patota*, editada pela Artenova, do Rio de Janeiro (RAMOS, 2010).

Voltando nosso olhar para a tira em foco nesse artigo, verificamos que a mesma faz parte do contexto social de produção em que questões domésticas, assim como feministas, são discutidas nas tiras de Quino. O tema da tira, foco de nossa análise, aborda o trabalho doméstico e o cotidiano da dona de casa que, conforme interpretamos no texto, “vive” para o

trabalho do lar, transformando-se em uma “escrava”, como se não tivesse vida fora dele. Por isso, Mafalda pergunta a sua mãe “*o que você gostaria de ser se você vivesse?*” ironizando a situação. Essa é uma reflexão que pode ser feita em sala de aula e fora dela, a fim de evidenciar e valorizar o trabalho doméstico que muitas vezes não tem o devido valor socialmente e, inclusive, no seio familiar. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho doméstico é definido como trabalho realizado “dentro de” ou “para” uma casa, e o trabalhador doméstico é qualquer pessoa envolvida com esse trabalho, muitas vezes, pouco valorizado e reconhecido. Notamos, nessa tira, a relação dialógica posta com o leitor, provocando-o a refletir sobre o assunto, ao relacionar esse texto com suas experiências vividas.

Continuando nossa análise a partir do Método Sociológico de Bakhtin, abordamos agora o conceito de estilo e, posteriormente, o estilo da tira em quadrinhos em foco. O estilo remete-se às questões individuais de seleção e ao gênero propriamente dito, fazendo parte disso a escolha de vocábulos, estruturas frasais, modalizadores, paragrafação, pontuação, aspectos não verbais como traçado de letras, cores, tamanho, figuras, imagens etc. Dessa maneira,

(...) os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; e a esses gêneros que correspondem determinados estilos (BAKHTIN 2003 [1979], p. 266).

Verificamos, dessa forma, que o estilo demarca o gênero discursivo, possibilitando que o mesmo seja reconhecido como tal, ou seja, o estilo do gênero. Por isso, o estilo é indissociável do gênero discursivo, sendo a diversidade de gêneros constituída pelos diferentes estilos da linguagem. Portanto,

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado [...] [O estudo do estilo sempre deve

partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e devem basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade] (BAKHTIN, 2003 [1979], p.284).

Todavia, além do estilo dos gêneros, o estilo individual do autor também pode ser demarcado no texto, ou seja, seu estilo pode refletir-se em seus enunciados, possibilitando sua criação expressiva e dialógica. Dessa forma, o autor define o seu “modo de dizer” ou ainda, conforme Bakhtin, o “querer-dizer” do locutor e

[...] para concretizar esse querer-dizer, o locutor escolhe uma forma de comunicação adequada à esfera de atividade em que se encontra, isto é, um gênero do discurso. O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adaptasse e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 2003 [1979], p.301).

Reportando-se para a tirinha de Mafalda, a única expressão verbal constitutiva dos quadrinhos se dá na fala de Mafalda, quando esta afirma “*Mamãe, o que você gostaria de ser se você vivesse?*” A personagem faz uma ironia à situação cotidiana de sua mãe, que se resume em cuidar da casa fazendo as mesmas atividades diariamente, evidenciando a “vida escrava” da mãe em relação ao trabalho doméstico.

Com essas palavras da personagem pode-se depreender o estilo do autor. Quino é jornalista crítico que não aceita os desmandos políticos e sociais de seu tempo. E como forma de mostrar sua intolerância, cria a personagem Mafalda e dá a ela a força de dizer tudo àquilo que ele, pessoa física e social, gostaria de dizer. O estilo de Mafalda é, de certa forma, o estilo do autor representado em quadros, balões, expressões faciais da Mafalda e escritas que representam sua fala.

As histórias em quadrinhos são repletas de vozes que perpassam os enunciados. Nesse caso, está tanto a voz de Quino quanto de diversas pessoas (leitores até) que compartilham dessa visão de mundo. Na fala de Mafalda, estas vozes estão presentes quando pensamos na desvalorização do trabalho doméstico e o pouco reconhecimento de sua importância, um tema polêmico que às vezes é debatido nos meios midiáticos.

A escolha lexical condiz com a idade de Mafalda, uma menina de seis anos, que se utiliza do vocabulário “*mamãe*” e não “*mãe*”, que é mais comum quando alcançamos maior idade. O verbo “*gostaria*” está conjugado no futuro do pretérito, exprimindo um fato futuro

em relação a um fato passado, indicando uma condição do que a mãe *gostaria de ser*, sendo que o verbo “*vivesse*” está conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, imprimindo a ideia de que a *mãe* não vive realmente, exprimindo, portanto, a ideia de incerteza de algo hipotético, que não se realizará no futuro.

O estilo das tiras em quadrinhos propõe uma linguagem mesclada – no caso da tira em foco, com a linguagem verbal e não verbal – característica desse gênero discursivo. O entrecruzamento das diferentes linguagens se complementa para que o leitor possa construir o sentido do texto. O estilo desse gênero permite a ampliação das possibilidades de utilização dessa linguagem, indo além da simples exploração do texto (RAMA, 2007), propiciando a exploração do extratexto, ou seja, o que está fora do texto. Conforme Rama “[...] as histórias em quadrinhos tornam-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial” (RAMA *et al* (2007, p. 87).

Finalizando nossa análise, percebemos inter-relação entre a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo nos gêneros discursivos, sendo estes indissociáveis dos enunciados e determinados pela especificidade de cada gênero discursivo, imprimindo a função do gênero em foco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tiras possuem propriedades essencialmente dialógicas, em que a multiplicidade de vozes perpassa nos discursos e o caráter dialógico se apresenta entre os enunciados verbais e não verbais. Dessa maneira, esse gênero discursivo traz, de forma bem-humorada, temas polêmicos para a reflexão e desenvolvimento do senso crítico do leitor. As tiras permitem que diferentes áreas do conhecimento possam ser exploradas num trabalho interdisciplinar em sala de aula, um gênero discursivo bastante interessante, pois amplia as possibilidades de utilização da linguagem indo além da exploração do texto.

A análise das tiras em quadrinhos a partir do Método Sociológico de Bakhtin permite que o estudo da língua se concretize a partir da exploração do conteúdo temático, da construção composicional e do estilo do texto em foco e nos mais variados gêneros discursivos. Buscamos abordar, nesse artigo, como as tiras em quadrinhos podem ser exploradas quanto ao estudo da língua, enfatizando, inclusive o estudo gramatical e

interpretativo do texto. Evidenciamos, assim, as possibilidades que o Método Sociológico proporciona para o estudo da língua nos diferentes gêneros discursivos que circulam socialmente, de forma a compreendermos e nos apropriarmos deles, a fim de melhor nos organizarmos em nosso discurso e interagirmos socialmente.

Ao apresentarmos um exemplo de encaminhamento de análise de tirinha em quadrinhos a partir do Método Sociológico de Bakhtin, salientamos que as reflexões não se esgotam aqui, mas abrem espaço para que outras análises possam ser realizadas a fim de corroborar ou discordar desta, construindo, assim, outras reflexões. Dessa maneira, esperamos ter contribuído para que novas possibilidades de trabalho pedagógico possam surgir, a fim de que o ensino de língua saia da teoria e se concretize na prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail [1979]. *Estética da criação verbal*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução: Paulo Bezerra.

_____; [1975] *O discurso no romance*. Questões de Literatura e de estética (a teoria do romance). 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____; /VOLOCHINOV [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. [1981] O discurso em Dostoiévski. In: _____ *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 207-212.

_____. [1923-1924] O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1988, p.13-70.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____ (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 87-98.

BROCARD, Rosângela Oro. *O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias: uma análise de aspectos linguístico-discursivos*. Dissertação (Mestrado e Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, 2015.

QUINO. *Mafalda inédita*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-166.

MOTERANI, N. G; MENEGASSI, R. J. O conteúdo temático do gênero discursivo tiras em quadrinhos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. v. 32, n.2. p. 225 -232, Maringá: 2010.

RAMA, Ângela. Os quadrinhos no ensino da geografia. In: BARBOSA, Alexandre *et al.* *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 87-104.

RAMOS, Paulo. Uma Mafalda entre Brasil e Argentina, não muito mais que isso. In: *1º Congresso Internacional Viñetas Sueltas*. Disponível em: <http://viñetassueltas.com.ar/congreso/pdf/Mafalda/ramos.pdf>.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda; ROHLING, Nivea; RODRIGUES, Rosangela Hammes. *A análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos do letramento: glossário para leitores iniciantes*. Florianópolis: DIOESC, 2012.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. [1930]. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Data de recebimento: 12/05/2015

Data de aprovação: 30/05/2016